

Megan Maxwell

O Amor Que Nos Une

Guerreiras Maxwell – 2

Tradução
António Carlos Carvalho

 Planeta

Para todas as mulheres guerreiras, sejam de que época forem.

E em especial para as guerreiras Maxwell, por serem como são e nunca se deixarem vencer. Amo-vos.

Capítulo 1

Castelo de Dunstaffnage, 1348

Os risos e os aplausos soavam, enquanto a luz dos archotes iluminava o salão do castelo de Dunstaffnage. Os jograis amenizavam a atmosfera da ala direita do salão, os convidados conversavam e bebiam e uns malabaristas entretinham os mais pequenos no pátio das armas.

Uma vez terminada a actuação para as crianças, o som das gaitas-de-foles inundou o pátio das armas, e onde há pouco carinhas extasiadas observavam os malabaristas, agora riam, dançavam e cantavam os guerreiros com as suas mulheres e as moças do povoado.

A celebração devia-se ao facto de o *laird* Axel McDougall e a sua encantadora mulher, Alana, terem tido o segundo e esperado filho. Cinco anos antes nascera uma menina, a quem tinham posto o nome de Jane Augusta McDougall, e apesar de ter um amor louco pela criança, que era uma beleza, enquanto guerreiro e *laird* das suas terras ansiava por ter um filho varão. O seu sucessor. Assim, quando Darren Alexandre McDougall, o nome que puseram ao bebé, chegou a este mundo, a sua felicidade foi total.

Organizou-se uma grande festa para assinalar o baptizado. Axel queria mostrar o futuro *laird* McDougall, e em poucos dias o castelo de Dunstaffnage encheu-se de luz, de clãs, de guerreiros e vizinhos.

Lady Gillian, a jovem irmã do *laird* McDougall, ria-se com o seu bom e complacente avô, Magnus.

– Era um insolente, avô – troçou. – Esse tonto aproveitou a minha distracção para tentar beijar-me, e não tive outro remédio senão brandir a espada e dar-lhe o que merecia.

– Outra vez, rapariga?

Divertido com o que ela lhe contava, Magnus sorriu. A sua neta intrépida era uma mulher de valor incalculável, e não apenas porque o seu sangue corria também nas veias dela. Essa beldade de pequena estatura tinha a coragem de um guerreiro, e isso fazia que se metesse em problemas constantes. E tal como atraía os homens pela sua beleza, também os afugentava pelo seu temperamento.

Com uma gargalhada cristalina que fez inchar o coração do ancião, Gillian assentiu.

– Avô, não tive outro remédio. Foi nojento!

Gillian era uma jovem de cabelo claro como o sol e tinha uns expressivos e maravilhosos olhos azuis. Mas para desdita do irmão e mesmo do avô, era demasiado rebelde, sendo conhecida pela alcunha de *Desafiadora*.

O irmão, Axel, apesar de a adorar, zangava-se com ela todos os dias, ao ver e sentir na pele os constantes desafios que Gillian lhe lançava. Mais de uma vez, depois de brigar com a jovem, Axel, desesperado, falara com o avô, e ambos reconheciam que a tinham mimado demasiado. Mas a zanga durava pouco tempo. Gillian era expedita e trapaceira, e sabia que com um sorriso incrível ou um suave pestanejar voltava a tê-los à sua mercê.

Quando chegavam a Dunstaffnage, os guerreiros caíam a seus pés, rendidos. Mas depois de serem testemunhas da soberba dela, do seu temperamento desafiador e altivez, durante duas jornadas passadas com ela, fugiam espavoridos, e aquele que não o fizesse arrependia-se de não o ter feito cinco dias depois, e fugia também, para regozijo da jovem e desespero dos seus familiares.

Apenas um guerreiro, alguns anos antes, fora capaz de chegar ao coração de *lady* Gillian, mas depois de se sentir atraída por ele, a sua personalidade tornara-se mais dura e fechara a porta ao amor.

Nessa tarde, enquanto os do castelo se divertiam, Alex McDougall, os seus homens e dois dos seus grandes amigos, os *lairds* Duncan McRae e Lolach McKenna, bebiam cerveja das suas canecas, e Alana, mulher de Axel, Megan, mulher de Duncan, e Shelma, irmã de Megan e consorte de Lolach, trocavam confidências.

– Creio que Johanna é demasiado pequena para ter o seu cavalo. Por Deus, Megan, só tem seis anos! – disse Alana.

– Eu tinha a mesma idade quando o meu pai me ofereceu *Lord Draco*. Acho que é bom que Johanna saiba montar a cavalo e não demorei muito a subir para a garupa de *Lord Draco* a pequena Amanda. – Ao notar o ar escandalizado de Alana, Megan fez-lhe um sorriso e explicou-lhe: – Não me olhes assim, Alana! Daqui a poucos anos as minhas filhas serão duas mulheres e quero que saibam defender-se num mundo de homens, porque nunca se sabe o que pode vir a acontecer. E deixa-me que te diga que devias deixar que a Gillian ensinasse à Jane certas coisas que, mais tarde ou mais cedo, lhe darão muito jeito.

Ao ouvir isso, Alana ficou tensa. Ainda se lembrava, horrorizada, de ver a cunhada, Gillian, com a filha, galopando pelo bosque numa corrida louca.

– O Axel e eu falámos muito a sério com a Gillian. Não queremos que a nossa filha se mate devido aos ensinamentos da sua tia doida. Mais ainda, desejo criar Jane como uma dama, e embora adore a Gillian, não concordo com o que, às vezes, pretende inculcar-lhe.

Shelma suspirou. Gillian tinha-lhes contado amargamente como o seu irmão e Alana a tinham proibido de ensinar a Jane qualquer coisa que não fosse adequada para uma dama delicada.

Megan, Shelma e Gillian conheceram-se anos antes, quando as duas irmãs chegaram ao castelo fugindo da maldade dos tios ingleses. Desde o primeiro momento, Gillian sentira-se atraída por aquelas duas raparigas, e depois de se ter criado uma verdadeira amizade entre elas, cada uma ensinara às outras algumas artes como o manejo da espada, o tiro com arco ou a seguir rastos. Mas Alana não era como elas: era uma mulher boa, doce e delicada. Todos a adoravam pelo seu temperamento plácido, mas a sua visão da vida e do que supunha ser uma mulher era diferente da das outras três.

– Por São Niniano, Megan! – queixou-se Alana, escandalizada. – A Amanda só tem quatro anos e já a queres pôr em cima de um cavalo? E à Johanna, que tem seis, queres ensinar-lhe a arte da guerra? Porquê? Para quê? Duvidas que Duncan e o seu clã sejam capazes de as proteger dos perigos que no futuro as possam espreitar?

Megan olhou para o céu, e depois de suspirar suavemente, voltou a olhar para a irmã, que lhe sorria.

– Sei que o meu irmão e o meu clã – disse – dariam a alma e a vida antes de deixarem que acontecesse alguma coisa às minhas filhas... mas eu quero que elas se saibam defender e que aprendam comigo o que ninguém lhes vai ensinar.

Shelma, ao ver a expressão horrorizada de Alana, sorriu, enquanto observava Gillian a sentar-se a seu lado.

– Alana, tens de entender que os ensinamentos que os pais e avós nos proporcionaram, à minha irmã e a mim, ajudaram-nos muito. Julgas que o meu pai pensou alguma vez que a minha irmã e eu viríamos a correr os perigos que acabámos por ter de enfrentar?

Alana abanou a cabeça e ia responder quando Gillian disse:

– Oh, meu Deus, imagino sobre o que estão a falar e lamento dizer-vos que a minha querida cunhada e o meu adorado irmão não vos vão entender. Para eles, qualquer das coisas que nós, habilmente, com o tempo, aprendemos, é indecente e pouco adequada para uma doce e fina donzela.

Aborrecida, Alana levantou o queixo para olhar aquelas três que se riam, dando cotoveladas, e sublinhou:

– Claro. Eu não aprovo esse tipo de educação. A minha filha será educada como eu o fui. Aprenderá a arte da costura e todos os mesteres que se adequem à sua delicadeza e feminilidade, e quer gostes quer não, o Axel e eu deixámos-te muito claro que não queremos que ensines à Jane nenhuma das tuas loucas habilidades.

Gillian, depois de a olhar com os espectaculares olhos azuis, esboçou um sorriso que deu a entender muito às duas amigas, e com carinho informou a cunhada:

– Não te preocupes, querida Alana, percebi tudo e...

Nesse momento ouviram-se umas fortes gargalhadas e vozes que vinham do portão da entrada, pelo que as jovens deixaram de lado a conversa e prestaram atenção à origem desse alvoroço. Com curiosidade, observaram que entravam duas mulheres e uns *highlanders* escandalosos, barbudos e com aspecto de serem uns brutamontes. Depois de se saudarem entre eles com impropérios que perturbaram a doce Alana, o grupo

dispersou-se. Então Gillian praguejou ao reconhecer um dos homens que chegara com os guerreiros.

– Maldição, só faltava ele – murmurou, virando-se para não o ver.

Quem tinha chegado era Niall McRae, irmão de Duncan e cunhado de Megan. Esta trocou um sorriso com ele, embora se lhe tenha gelado o sorriso ao ver uma das jovens que o acompanhava.

– Quem são aquelas? – perguntou Shelma, curiosa.

– A de cabelo ruivo e sorriso de corvo é a detestável Diane McLeod – respondeu Megan. – E a loura é Christine, irmã dela. Com certeza uma jovem encantadora.

– Oh, são minhas primas – disse Alana, sorrindo ao reconhecê-las.

– Que bom! – resmungou Gillian, aborrecida.

Diane McLeod era a filha tonta e enfadonha do *laird* Jesse McLeod, casado em segundas núpcias com uma tia de Alana. Essa rapariga era muito bela. Tinha um cabelo acobreado magnífico e uns olhos verdes espantosos, mas infelizmente era insuportável: queixava-se de tudo. Era o oposto de Christine, sua meia-irmã, uma jovem de bonitos olhos castanhos e cabelo claro, divertida e sorridente.

– Queres que vamos dar uma volta para apanhar ar? – propôs Shelma.

Gillian limitou-se a abanar a cabeça. Odiava Niall McRae. Durante muitos anos sonhara com os seus beijos e abraços, com a hipótese de ser sua mulher e dar-lhe filhos. Mas no dia em que ele, pouco antes do noivado, partiu sem se despedir para a Irlanda, para lutar ao lado de Eduardo Bruce, irmão de Roberto, rei da Escócia, decidiu odiá-lo o resto da sua vida.

– Gillian... – sussurrou Megan, ao notar que a amiga respirava com rapidez.

– Não te preocupes. Estou bem – informou Gillian, sorrindo com alguma dificuldade.

Megan nunca esqueceria o olhar incrédulo de Gillian quando leu a mensagem simples que um *highlander* lhe entregou da parte de Niall. Dizia apenas: «Voltarei.» Mas também não esquecia o desespero de Niall ao regressar, após dois anos muitíssimo duros na Irlanda, e ficar a saber que Gillian, a «sua Gillian», não queria nada com ele.

Gillian respirou fundo e, depois de assumir que se encontrava ali o homem que odiava, levantou o queixo com soberba e comentou:

– Creio que esta noite vai ser muito divertida para nós, não vos parece? Alana levou as mãos à boca. Aquele olhar e, em especial, a atitude da cunhada não auguravam nada de bom; agarrando-lhe o braço, sussurrou:

– Por todos os santos, Gillian. Lembra-te que és uma McDougall e que deves algum respeito ao teu irmão e ao teu clã. E não quero que te zangues, mas elas são minhas primas e ficaria muito irritada se nos expusesse ao ridículo.

Ao ouvir este aviso, a jovem olhou para a cunhada com um sorriso brincalhão e, depois de se levantar, alisar o vestido e compor o bonito cabelo louro, sublinhou com ar altivo:

– Alana McKenna, gosto muito de ti e respeito-te porque és minha cunhada, mas que esta seja a última vez na vida em que me recordas que sou uma McDougall. – E, endurecendo o tom de voz, murmurou enquanto Megan se levantava. – Sei muito bem quem sou e não preciso que ninguém me esclareça. E quanto às tuas primas, fica calma, sei como me portar.

Pálida e prestes a saltarem-lhe as lágrimas devido a tão duras palavras, Alana ergueu-se e, sem dizer nada, saiu a correr pela porta ogival, diante do olhar de surpresa do marido. Shelma, olhando para a amiga, murmurou:

– Gillian, sem dúvida às vezes és...

Mas antes que pudesse terminar a frase, o marido de Alana aproximou-se delas e Shelma, agarrando na saia, saiu dali.

– Que se passa aqui? Por que ia a Alana a chorar? – perguntou Axel, trocando um olhar rápido com Megan.

Gillian olhou-o e, fazendo uma careta, espetou-lhe:

– O que faz ele aqui?

Axel entendeu a pergunta e abanou a cabeça. Sabia que a irmã não facilitava as coisas, mas não estava disposto a entrar no seu jogo; aproximando-se mais dela, sussurrou-lhe ao ouvido:

– Niall McRae é meu amigo, além de ser um excelente guerreiro. E tanto ele como os seus homens visitarão as minhas terras sempre que eu quiser. Entendeste?

– Não – bufou a jovem, desafiando-o com o olhar.

Incapaz de continuar ali sem fazer nada, Megan interpôs-se entre os dois e, pegando na mão de Gillian, disse:

– Axel, desculpa o meu atrevimento, mas acho que é melhor levar a Gillian a apanhar ar. Precisa disso.

Após uns momentos em que os olhares dos dois irmãos continuaram a desafiar-se, Axel assentiu e Megan, com um puxão, levou Gillian para o exterior, sob o olhar atento de alguns homens, entre eles os do marido e do cunhado.

– Palpita-me que alguém não está feliz por te ver – troçou Lolach, dando uma palmada no ombro de Niall, para desconcerto deste e regozijo do irmão, Duncan.

Capítulo 2

A festa prosseguiu até altas horas da madrugada e, como seria de esperar, os guerreiros de Niall McRae, esses barbudos, foram os mais escandalosos. Não tinham maneiras nem delicadeza, e as donzelas de Dunstaffage fugiam espavoridas. *Lady Gillian*, com uma máscara de felicidade instalada no rosto, não parou um momento de se rir e bailar, algo que ninguém estranhou, porque a jovem era uma dançarina experiente. Mas aqueles que a conheciam, como o avô, o irmão ou Megan, sabiam que esse sorriso escondia o verdadeiro estado de alma, e mais ainda quando verificaram que os olhos ardiam de fúria ao olhar para Niall McRae e para a jovem Diane.

Junto dos grandes barris de cerveja, os homens de diferentes clãs bebiam, cantavam e diziam bravatas. Duncan, feliz porque o irmão acabara por vir ao batizado do filho de Axel, olhou-o e orgulhou-se dele. Adorava Niall. Era um bom irmão e um guerreiro valoroso. Depois de regressar da Irlanda, o rei, devido à sua dedicação, tinha-o presenteado com umas terras na costa norte da ilha de Skye, onde Niall, agora *laird* e senhor do castelo de Duntulm, trabalhava duramente com os seus ferozes guerreiros.

Anos antes, ao rebentar a primeira guerra na Escócia, os nobres anglo-irlandeses viram-se pressionados e levados à ruína por Eduardo II. Roberto, o Bruce, o rei da Escócia, aparentado com alguns chefes gaélicos do Ulster, decidiu tirar partido do descontentamento irlandês e, sem perder tempo, enviou emissários à corte e ao clero, oferecendo-lhes a sua

colaboração. Nessa altura, Dohmnall Mac Brian O'Neill, rei de Tyrone, aceitou a ajuda de Roberto, e em troca ofereceu ao irmão deste, Eduardo, a coroa da Irlanda. Isso não oferecia garantias à Escócia, mas aos irmãos Bruce pareceu-lhes bem.

Num primeiro momento, diversos *lairds* escoceses ficaram à frente das suas terras e da sua gente, mas um ano depois o rei mandou-os chamar e, sem terem podido despedir-se das famílias, exceptuando uma simples carta, tiveram de seguir viagem.

Por essa altura, *lady* Gillian McDougall e Niall McRae já se tinham comprometido. Eram dois jovens ditosos e felizes que iriam celebrar as núpcias daí a duas semanas. Mas após o chamamento do rei, isso foi interrompido.

Duncan McRae tentou interceder pelo irmão, apoiado por Axel McDougall e por Lolach McKenna. Sabiam como era importante para Niall o seu casamento com a jovem Gillian. No entanto, o rei não os quis ouvir e ordenou que todos os seus homens partissem para a Irlanda.

Na noite em que se afastavam da costa escocesa, Niall soube que Gillian, a doce e sorridente mulherzinha que adorava, nunca lhe perdoaria. E não se enganou. Quando conseguiu regressar à Escócia, meses depois, não houve maneira de fazer com que ela o quisesse ver nem de falar com ela. Tudo o que fez foi inútil. Ferido no seu orgulho, resolveu regressar à Irlanda com o amigo Kieran O'Hara. Ali despejou toda a sua raiva lutando ao lado de Eduardo, e conquistou a alcunha de *Sanguinário* entre os seus homens.

Durante dois longos anos lutou na Irlanda; nem a fome nem a inclemência do tempo conseguiram aplacar a sua ânsia de guerra. Organizou o seu exército e liderou com ele as incursões mais selvagens. Mas numa das suas viagens à Escócia para falar com o rei, Eduardo travou uma batalha em Faughart e a sua actuação impaciente levou-o à derrota e à sua morte. Isso pôs fim à guerra e, passados uns meses, o rei entregou a Niall umas terras na ilha de Skye como agradecimento pelos serviços prestados.

Muitos dos homens que haviam lutado com ele na Irlanda tinham perdido as famílias, encontravam-se sozinhos e não tinham para onde ir. Niall ofereceu-lhes um lar em Skye, e eles aceitaram, encantados.

A partir desse momento, Niall tornou-se o *laird* de Duntulm e o chefe dos mais ferozes guerreiros irlandeses e escoceses que se conheciam.

Com a ajuda desses *highlanders*, Niall concentrou-se nas suas terras e em reconstruir um castelo que se encontrava meio arruinado. O seu lar. E também contou com a colaboração dos clãs vizinhos, entre os quais o seu, os McRae.

Um desses vizinhos era o *laird* Jesse McLeod, pai de Diane e de Christine.

Diane sentia-se fascinada por ele, mas Niall fora sincero e deixara muito claro à jovem e ao pai que não procurava esposa e não estava interessado nela. Apesar disso, parecia que Diane não tinha consciência desse facto.

Os outros vizinhos eram os McDougall da ilha de Skye, parentes afastados do seu grande amigo Axel McDougall, com os quais este e o seu clã nunca chegaram a confraternizar. Esses McDougall de Skye nunca tinham aceitado que a falecida mulher do ancião Magnus tivesse sido inglesa.

Por isso, na noite em que o *laird* Freddy McDougall zombou disso na presença de Niall, este, sem se importar com as consequências, fez gala da forte personalidade e deixou bem clara uma coisa: Axel McDougall e os seus eram como se fossem da família e não estava disposto a ouvir nada que fosse ofensivo para eles.

Mas, tal como Niall possuía um carácter forte, também sabia ser conciliador, pelo que conseguiu aplacar os desejos de guerra dos vizinhos, os McDougall e os McLeod, inimigos acérrimos desde há muitos anos e sedentos de lutas constantes.

Em muitas ocasiões, teve de fazer as pazes entre os homens do seu clã, valentes e robustecidos para a guerra, mas demasiado toscos e rudes nas maneiras e acções.

Nas terras de Niall não havia mulheres, exceptuando duas velhas. Nenhuma mulher nova e recatada queria viver com aqueles selvagens. Nas aldeias vizinhas ou por onde passavam os *highlanders*, as donzelas decentes escondiam-se, assustadas. E por fim, as relações desses homens eram apenas com prostitutas desavergonhadas ou com mulheres de má fama.

Após vários anos de trabalho duro em Duntulm, as terras e o gado começaram a dar os seus frutos. Esses homens rústicos pareciam ter-se habituado a esse estilo de vida selvagem e via-se que eram felizes no novo lar. Mas não Niall. A ferida que Gillian deixara no seu coração ainda sangrava, apesar de ser um homem a quem as mulheres nunca faltavam onde quer que fosse.

– Outro jarro de cerveja? – propôs Duncan ao irmão.

– Obviamente – respondeu sorrindo o outro McRae.

Niall afastou o seu olhar de Gillian e concentrou-se no irmão, na bela cunhada e no jovem louro que chegava agora junto deles. Ao reconhecê-lo, sorriu.

– Zac! – exclamou.

O rapaz assentiu e Niall largou a cerveja para o abraçar. Há uns três anos que não o via, e esse rapazinho rebelde, que metia sempre as irmãs em sarilhos, já era quase um homem.

– Niall, com essas barbas pareces um selvagem – disse Zac, com um ar divertido.

– Por todos os infernos, rapaz – sorriu Niall, incrédulo –, a que tipo de conjuros e torturas te submeteram as tuas irmãs, para que tenhas crescido tanto?

Megan deu a Niall um golpe seco no estômago com o punho.

– Estás a chamar-me bruxa? – perguntou-lhe.

Diante do ar de troça de Duncan, Niall agarrou o braço de Megan.

– Cunhada... nunca pensaria algo tão horrível de ti – disse, fazendo-os rir.

O que fez com que Megan voltasse a bater-lhe no estômago, e Niall sorriu, encantado.

Nesse momento ouviram-se uns gritos provenientes dos guerreiros de Niall. Diversas raparigas passavam com comida e os homens, erguendo as vozes rudes, começaram a dizer obscenidades.

Niall continuou a sorrir enquanto os escutava, mas ao ver a expressão da cunhada perguntou:

– O que se passa? Por que me olhas assim?

Megan, ofendida com as barbaridades que aqueles homens diziam, respondeu, apontando-lhe o dedo.

– Não sei como permites que os teus homens se portem como selvagens. Não os ouves?

Niall olhou para o irmão, procurando ajuda, mas Duncan desviou os olhos.

– Por São Fergus, que nojo! – gritou Megan ao ver um dos homens a cuspir. – Juro-te que se fizer isso quando eu passar ao lado dele, faço-o engolir os dentes.

Niall encolheu os ombros e sorriu, e sem lhe dar importância perguntou a Zac:

– Quantos anos já tens?

– Quase quinze.

– Caramba, como cresceste, rapaz – murmurou ao ver como Zac olhava para umas jovens da sua idade que traziam flores.

– O tempo passa para todos – comentou Zac, sorrindo. E piscando-lhe o olho, disse: – E agora, se me dão licença, tenho coisas para fazer.

Com expressão alegre, os dois *highlanders* e Megan observaram Zac, que foi ter com as raparigas e, com a galanteria que Duncan lhe ensinara, apresentou-se.

– Creio que temos diante de nós o futuro galã dos McRae – sussurrou Duncan, divertido ao ver como Zac se pavoneava diante das jovens.

– O meu irmãozinho já não é um menino – suspirou Megan.

– Creio que Zac continuará a dar-te muitas dores de cabeça – troçou Niall, ao aperceber-se de que Zac olhava dissimuladamente o decote de uma das raparigas.

– Espero que não se torne um descarado como tu e os teus homens – replicou Megan, incrédula ao verificar que o irmão pegava nas raparigas pelo braço e desaparecia.

Depois de aguentar as troças do marido e do cunhado, deu-lhes o braço e dirigiram-se para onde os anciãos Magnus e Marlob falavam com Axel. Estes, ao verem-nos a seu lado, calaram-se.

Megan e Niall, estranhando tal atitude, trocaram olhares. Que estava a acontecer? Momentos depois, pelo canto do olho, Megan viu como o marido e Axel assentiam, enquanto Marlob olhava para o céu com fingida dissimulação.

Com ar malicioso, Megan afastou o cabelo escuro da cara e, dirigindo-se ao ancião, perguntou-lhe:

– Marlob, estás bem?

Ele tossiu e respondeu:

– Muito bem, rapariga. Já viste como a Lua está bonita hoje?

Com ar desconfiado, Megan pressentiu que se passava ali qualquer coisa e, aproximando-se do marido, perguntou-lhe ao ouvido:

– Que se passa? Sei que aconteceu alguma coisa e não me podes dizer que não.

Duncan e o avô trocaram olhares.

– Ficarás a saber no seu devido tempo, impaciente – respondeu Duncan, dando-lhe um beijo carinhoso no pescoço.

Isso deixou-a de sobreaviso. E quando ia replicar, o marido, que a conhecia muito bem, olhou-a com um olhar implacável e endureceu o tom de voz.

– Megan... agora não. Não quero discussões – murmurou.

Se havia algo que Megan odiava, eram os segredinhos. Por isso, depois de franzir o sobrolho e de olhar para o marido com raiva, afastou-se com um ar contrariado.

– Uf, irmão – bufou Niall –, não sei o que terás dito à tua mulherzinha, mas acho que isso te trará consequências.

Duncan, divertido, olhou-a. A mulher deixava-o encantado, sobretudo pelo seu temperamento combativo, algo que, por muito que, às vezes, o irritasse, não queria subjugar. Depois de sorrir e ver que Megan se aproximava da irmã, virou-se para Niall, que via a jovem Christine dançar, e com ar sério disse-lhe:

– Temos de falar.